



**EM TIRAS DE PAPEL:
LIMA BARRETO ENTRE A RAZÃO DA LOUCURA E A LOUCURA DA RAZÃO**

Andrea Aparecida PANTANO¹

Recebido: 28/02/2021

Aceito: 26/04/2021

RESUMO:

Neste artigo pretendemos tecer algumas considerações sobre o tema da loucura em duas obras de Lima Barreto, *O cemitério dos vivos e Diário do Hospício* (2017), à luz dos pressupostos teóricos sobre a “loucura” defendidos pelo filósofo francês Michel Foucault. Assim, busca-se uma aproximação entre filosofia e literatura, além de um aprofundamento da questão da “loucura”, bem como do processo de medicalização e normalização investigado por Foucault com vistas, sobretudo, ao entendimento de como uma visão sobre o “louco” e a “loucura” vai se delineando no contexto político e social brasileiro do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Foucault. Loucura. *Cemitérios dos Vivos. Diário do Hospício.*

**ON STRIPES OF PAPER:
LIMA BARRETO BETWEEN THE REASON OF MADNESS AND THE MADNESS OF
REASON**

ABSTRACT:

In this article we intend to make some considerations on the theme of madness within Lima Barreto's *O cemitério dos vivos* and *Diário do Hospício* (2017), in the light of the theoretical assumptions about “madness” defended by the French philosopher Michel Foucault. Thus, we attempt to bring philosophy and literature closer together, in addition to deepening the issue of “madness”, as well as the medicalization and normalization process investigated by Foucault with a view, above all, to understanding how a perspective of the “insane” and “madness” is shaped in the Brazilian political and social context of the 19th century.

KEYWORDS: Lima Barreto. Foucault. Madness. *Cemitérios dos Vivos. Diário do Hospício.*

INTRODUÇÃO

O tema da loucura em Lima Barreto tem sido amplamente discutido em conferências, teses, artigos acadêmicos, livros e por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, ora por um ângulo artístico, isto é, literário, ora por um ângulo científico. Estudos na área de Letras, História, Sociologia e até mesmo da Medicina têm se debruçado sobre os diversos aspectos da suposta loucura de Lima Barreto, assim diagnosticada pela sociedade e pelo conhecimento científico vigente à era republicana.

Em virtude do espaço exíguo para uma reflexão mais ampla sobre o tema da loucura na obra do escritor Lima Barreto, nos restringiremos a tecer algumas considerações sobre a loucura em duas obras do autor – *Cemitério dos vivos/Diário do Hospício* (2017) – à luz dos estudos sobre a “loucura”

¹ Mestre em Filosofia pela Unesp-Marília e Doutoranda do Programa em Letras da FCL/Unesp-Assis.



realizados pelo filósofo francês Michel Foucault com a finalidade de aproximarmos filosofia e literatura.

O artigo propõe, ainda, um aprofundamento da questão da “loucura” e do processo de medicalização e normalização investigado por Foucault com vistas ao entendimento de como uma visão sobre o “louco” e a “loucura” foi se delineando no contexto político e social brasileiro do início do século XIX. Pretendemos mostrar também que a loucura em Lima pode ser considerada positiva se relacionada com o fato de que revela, às avessas, a hipocrisia, as incongruências e pontos falsos do discurso médico e da sociedade republicana.

Investigaremos não apenas como a sociedade brasileira da época da República, os cientistas e as instituições definiam e decidiam quem era louco, mas também, como o próprio Lima Barreto definia a loucura e concebia sua própria condição e os espaços destinados a custodiar os supostamente loucos, nas duas obras objetos desta pesquisa.

Como são inúmeros os estudos sobre o tema, citaremos aqui apenas alguns dos mais recentes e que acreditamos servir de suporte a pesquisas que pretendam fazer uma revisão da literatura sobre o autor e o tema. A dissertação de mestrado intitulada “A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto”, defendida na Faculdade de Medicina da USP por Sérgio Rachman (2010) busca referências na história da psiquiatria à época do escritor. Para tanto, investiga o contexto histórico-psiquiátrico em que as obras de Lima estão inseridas, bem como os aspectos cognitivos e biográficos do autor que interferiram na representação da loucura. Outra dissertação, defendida por Ana A. Teixeira da Cruz (2009), intitulada “Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: *Don Quijote de la Mancha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*”, trata de examinar como os dois autores se apropriam do tema da loucura na construção de suas respectivas personagens. O romance inacabado *O cemitério dos vivos* é analisado por Adeliana Alves Barros (2016) na dissertação “O cemitérios dos vivos: a experiência manicomial de Lima Barreto”, defendida na Universidade Federal do Ceará – UFC, como a experiência manicomial do escritor modernista. Em sua pesquisa, Adeliana Alves Barros analisa a loucura em Lima como uma problemática indissociavelmente médica e social.

No ensaio, “Seja moderno, seja bruto: a loucura como profecia da história em Lima Barreto”, Roberto Vecchi (1998) enxerga na loucura de Lima uma espécie de acerto de contas: um “ajuste inquieto de contas sobre as consequências da modernidade”, desdobramento de uma “avaliação crítica da própria *experiência* da modernização” (VECCHI, 1998, p. 111), grifos do autor). Em sua obra, *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura* (HIDALGO, 2008) faz uma associação



entre literatura e loucura a partir do Diário do Hospício, percorrendo tramas da história da suposta insanidade do autor para construir o conceito de “literatura da urgência”, que consiste em uma espécie de narrativa-limite em estado emergencial. Para tanto, analisa nuances do fazer literário no confinamento do hospício, onde o autor amarga a solidão intelectual após ser tratado como “louco”.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881 e faleceu em 1922, foi escritor, jornalista e funcionário público. Nasceu no Rio Janeiro, e presenciou a Proclamação da República, com um olhar atento, sobre este período histórico, Lima Barreto, escreveu textos, obras de ficção e alguns deles autobiográficos que satirizavam a sociedade burguesa da época.

Introduzimos nossa discussão citando este trecho das anotações feitas por Lima Barreto, para o seu Diário do Hospício. A citação um pouco mais longa justifica-se pelo fato de reunir alguns dos elementos que ajudam a ilustrar nosso recorte: a visão de Lima sobre o louco, sobre a loucura, sobre sua própria condição e sobre as instituições que mantinham os “loucos” sob sua custódia no início do século XX.

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso. [...] Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte [...] (BARRETO, 2017, p.55).

A premissa que emerge inicialmente, no trecho acima, é a da impossibilidade de uma definição de loucura; além de não apresentar uma definição precisa, não pode também ser associada à ideia de espécie e raça, de modo que, o que existe, na verdade, são nomenclaturas e terminologias que não dão conta de expressar o que realmente consiste na loucura.

No enxerto acima percebemos que durante os intervalos situados entre a loucura e a razão, entre o delírio e a sobriedade, Lima Barreto refletia sobre a questão da loucura, sobre a incapacidade da Ciência defini-la no começo do século XX; sobre a falta de um diagnóstico preciso que apontasse quem era ou não realmente louco.

Lima tinha consciência de que a loucura independia da ideia de raça num momento em que as teorias raciais ganhavam terreno no Brasil. Na verdade, Lima esboça um discurso, tanto em Diário do hospício como em O cemitério dos vivos, que, nas entrelinhas, e às vezes explicitamente, dá conta



de apontar as razões da loucura – seus motivos morais, históricos e culturais – e as loucuras da razão – a hipocrisia da sociedade, a incapacidade da Ciência e, conseqüentemente, os pontos falsos do discurso higienista/racialista, dos cientistas, pretensos detentores da “razão”, mas ainda incapazes de sinalizar para a cura ou ministrar um tratamento mais humano às diversas vítimas da demência física, moral e social que acometia pobres e negros na sociedade carioca republicana, demência essa ocasionada em alguns momentos pelo abuso do álcool.

No Brasil, a visão sobre o supostamente louco e a loucura, naquele começo de século, guardava ainda fortes resquícios daquela concepção vigente na Europa do século XVII.

Assim como no continente europeu, no Brasil republicano o internamento consistia em uma medida sanitária e, portanto, literalmente um assunto de polícia, próximo do que ocorria na era clássica.

Nesse período, segundo Foucault (2017, p. 63), “polícia” significava o conjunto das medidas que tornavam o trabalho de internamento ao mesmo tempo possível e necessário. A associação entre o confinamento do louco em uma determinada “arquitetura” do poder e a ideia de uma vigilância hierárquica e sistemática, no século XVII, foi muito bem delineada por Foucault em sua obra *História da loucura na idade clássica* (2017), no entanto, em *Vigiar e Punir* (1996), o filósofo esclarece que, tal arquitetura, construída sob medida:

[...] não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram; [...] uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. (FOUCAULT, 1996, p. 154).

Se hospitais e hospícios do século XVII foram descritos por Foucault como verdadeiras fortalezas que ainda adotavam procedimentos tipicamente medievais, no começo do século XX, especialmente no Brasil, o cenário parece não ter passado por significativas transformações quando o assunto era a detenção dos supostamente loucos nas instituições públicas. Conforme o Diário do Hospício.

Amaciando um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismo, bruxarias etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o sequestro. Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate um homem da loucura. Aqui no Hospício, com suas divisões de classes, de vestuário etc., eu vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. (BARRETO, 2017, p. 74).



Partindo do particular, ou seja, da observação direta do cotidiano do hospício, em que esteve internado por duas vezes, Lima desenha um retrato da sociedade em geral, das instituições, da ciência e, de uma sociedade que ainda imitava padrões de comportamento tipicamente europeus e corroborava as crenças difundidas pelas teorias racialistas.

Segundo tais teorias, negros e mestiços se apresentavam como os tipos raciais mais aptos à degenerescência física e moral, sem deixar de mencionar, é claro, o fato de que tais teorias sustentavam a tese de que os negros não tinham vocação para as coisas do espírito, ou seja, para a produção intelectual.

Para a realização desta discussão nos reportaremos ao pensamento de Michel Foucault sobre a “loucura”, pois acreditamos que grande parte dos estudos desse filósofo pode ajudar a lançar luz sobre o tema na obra de Lima Barreto, especialmente o tópico que o filósofo desenvolve acerca do imbricamento razão/loucura. No referido tópico, Foucault elabora a seguinte pergunta para, em seguida, promover um debate que dá conta de relacionar loucura e razão: “Como se faz esse reconhecimento tão inquestionável do louco?”(apud FOUCAULT, 2017, p. 181): A pergunta de Foucault deriva da seguinte afirmação de *Boissier de Sauvages* sobre o reconhecimento de um louco “As pessoas de razão sadia têm tamanha facilidade em reconhecê-lo que mesmo os pastores sabem quais de suas ovelhas foram atingidas por semelhantes doenças.” (SAUVAGES apud FOUCAULT, 2017, p. 181) E quem era identificado como louco à época de Lima Barreto? Segundo o próprio Lima Barreto.

Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte. (BARRETO, 2017, p.55).

Voltando a *Boissier de Sauvages*, Foucault se utiliza de dois trechos do autor na tentativa de diferenciar o louco do são no século XVIII. Em um desses trechos, *De Sauvages* define como “são” “um homem que age em conformidade com as luzes da razão sadia, basta atentar para seus gestos, seus movimentos, seus desejos, seus discursos, seus raciocínios, para descobrir a ligação que essas ações têm entre si e o fim para o qual tendem”. (SAUVAGES apud FOUCAULT, 2017, p.181). Quando se trata de um louco, salienta *De Sauvages*, “não é necessário que ele elabore falsos silogismos para perceber a alucinação ou o delírio que o atingiu; seu erro e sua alucinação são facilmente perceptíveis através da discordância que existe entre suas ações e a conduta dos outros homens”. (SAUVAGES apud FOUCAULT, 2017, p. 182).



Foucault, (2017, p.183) observa que reconhecer um sã ou um louco apenas por suas ações se constitui algo apressado e superficial, e salienta que o que é ausência, do ponto de vista da loucura, “poderia muito bem ser nascimento de outra coisa: o ponto em que se fomenta uma outra experiência, no labor silencioso do positivo.” E complementa: “O louco não é manifesto em seu ser: mas se ele é indubitável, é porque é *outro*.” (FOUCAULT, 2017, p.183). O ponto alto da teoria de Foucault, nessa tentativa de relacionar loucura e razão, nasce como uma resposta ao verbete “Loucura” publicado na *Encyclopedie*. Segundo esse texto.

Afastar-se da razão sem o saber, por estar privado de ideias, é ser *imbecil*; afastar-se da razão, sabendo-o, porque se é escravo de uma paixão violenta, é ser *fraco*; mas afastar-se da razão com confiança, e com a firme persuasão de estar obedecendo à razão, é o que constitui, a meu ver, o que chamamos de ser *louco*. (Voltaire, *apud* FOUCAULT, 2017, p. 186).

Apesar de achar estranha a definição dada pela mencionada enciclopédia, Foucault observa que nela é possível encontrar, semioculto, todo o movimento que renova a reflexão sobre a loucura. Segundo o filósofo, a velha e simples oposição entre os poderes da razão e os poderes do insano é agora substituída por uma oposição mais complexa e mais fugidia, pois, a partir daqui,

[...] loucura é a ausência de razão, mas ausência que assume forma de positividade, numa quase conformidade, numa semelhança que engana sem que, no entanto consiga enganar. O louco afasta-se da razão, mas pondo em jogo imagens, crenças, raciocínios encontrados, tais quais, no homem de razão. Portanto, o louco não pode ser louco para si mesmo, mas apenas aos olhos de um terceiro que, somente este, pode distinguir o exercício da razão da própria razão. (FOUCAULT, 2017, p. 186).

É exatamente esse modo positivo de o “louco” se relacionar com a razão que interessa ao nosso debate sobre o modo como Lima se relaciona com a “razão” de seu tempo – as instituições, os homens, a sociedade e o mundo à sua volta. Ainda segundo Foucault, na percepção do louco que se tem a partir do século XVIII, encontram-se inextricavelmente misturados aquilo que existe de mais positivo e mais negativo.

O positivo é a própria razão, mesmo se considerada sob um aspecto aberrador; quanto ao negativo, é constituído pelo fato de que a loucura, no máximo, não é mais que o vão simulacro da razão. A loucura é a razão mais uma extrema camada negativa; é o que existe de mais próximo da razão, e de mais irredutível; é a razão afetada por um índice indelével: o Desatino. (FOUCAULT, 2017, p. 186).

Em Lima Barreto entendemos a loucura como um aspecto positivo, no sentido de que ela se relaciona com a razão, a “razão” dos homens de seu tempo, das instituições e das teorias correntes sobre as minorias raciais e sociais. Não se trata apenas de apontar como a sociedade brasileira, os cientistas e as instituições da era republicana definiam e decidiam quem era louco, mas se trata de



analisar, nas duas obras objetos deste trabalho, como o próprio Lima Barreto definia a loucura, concebia sua própria condição e os espaços destinados a custodiar os supostamente loucos. Não podemos deixar de levar em consideração o fato de que Lima Barreto não é um “louco” comum. Nas duas obras investigadas, a “loucura” tem seu sentido alargado pelo autor, que a emprega de forma muitas vezes metafórica para expressar a violência e a insignificância social que definiam a realidade do Brasil republicano. Essa não é tarefa de um louco comum, submerso na anonimidade da vida. Pelo fato de ter tido uma formação literária e filosófica sólida, suas leituras de autores clássicos como Dostoiévski, Flaubert, Zola, e de filósofos como Gaultier (autor de *Le bovarysme*, de 1892), lhe emprestaram as ferramentas com que construiria sua concepção da loucura; sua sensibilidade filosófica e literária o tornava um louco intelectualmente à frente de tudo e de todos que o enxergavam apenas pela sua cor e condição social. A condição a que lhe relegaram, a de inferioridade em virtude da cor, é literariamente descrita com recurso a uma fina ironia que não escapa aos leitores mais atentos. No trecho seguinte, o jornalista e escritor ironiza as falsas premissas científicas do discurso racista, que o classificaram como braquicéfalo, escreve.

Não entendo dessas coisas, mas posso garantir que dei ao doutor Murilo, sobre os meus antecedentes as informações que sabia; sobre as minhas perturbações mentais, informei-lhe do que me lembrava, sem falseamento nem relutância, esperando que meu depoimento possa ocorrer algum dia para que, com mais outros sinceros e leais, venha ele servir à ciência e a ele tire conclusões seguras, de modo a aliviar de alguns males a nossa triste pobre humanidade. Sofri também mensurações antropométricas e tive com o resultado dela um pequeno desgosto. Sou braquicéfalo; e agora quando qualquer articulista da A época quiser defender uma ilegalidade de um ilustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus inúmeros defeitos e incapacidade, há de apontar mais este: é um sujeito braquicéfalo; é um tipo inferior! (BARRETO, 2017, p. 227).

No excerto acima, Lima Barreto descreve o desgosto que passou nessa espécie de “quartel-convento”, como ele mesmo intitula. Ao dar o seu testemunho, informações sobre sua origem e vida, é classificado como braquicéfalo, eis o preconceito atrelado à negritude e à própria condição social. Vale mencionar que tal medição própria da época representava um discurso eugenista daquela sociedade. O fato de ser braquicéfalo não lhe dava o direito de se insurgir contra o sistema ou contra seus representantes. Com base no breve trecho mencionado acima, perpassado por uma fina e perspicaz ironia, uma análise mesmo que apressada, da escrita de Lima Barreto, revela que seus textos apresentam uma estrutura dialética que procura instigar o leitor até às últimas consequências, isto é, a simbologia presente motiva um olhar curioso sobre o fazer literário que busca na literatura uma concepção de arte e um questionamento sobre questões humanas, aliando, desse modo, e positivamente, loucura e razão, como quer Foucault.

PANTANO, Andreia Aparecida. Em tiras de papel: Lima Barreto entre a razão da loucura e a loucura da razão. In: *Revista Falas Breves*, n. 9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-PA. ISSN 23581069



A relevância deste trabalho consiste em tentar compreender como o tratamento da loucura aparece na obra de pensadores como Foucault e em investigar qual a natureza e o significado deste conceito em Lima Barreto. À luz de Foucault é possível perceber as fronteiras, os limites e a segregação do louco. Na escrita de Lima Barreto, o tema da segregação emerge com mais veemência. Sua literatura, embora tenha recebido duras críticas pelos estudiosos da época, consegue questionar, denunciar problemas da sociedade e dos homens do seu tempo, além da própria natureza humana. Um homem que viveu no limite entre a loucura e a razão. Com uma autoconsciência sobre a própria realidade, sofrimentos e humilhações, depois de amargas reflexões sobre suas idas e vindas de hospícios e hospitais, o autor assim se expressa sobre sua vida e expectativas em *Diário do Hospício*.

Vejo a vida torva e sem saída. A minha aposentadoria dá-me uma migalha com a que mal me daria para viver. A minha pena só me pode dar dinheiro escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a minha inteligência em tais futilidades. Ainda tenho alguma *verve* para a tarefa do dia a dia, mas tudo me leva para pensamentos mais profundos, mais doridos e uma vontade de penetrar no mistério da minha alma e do Universo. (BARRETO, 2017 p. 67).

O excerto acima traduz o quanto Lima Barreto se sentia angustiado pela situação precária em que se encontrava, além de um certo sentimento de niilismo sobre a própria vida. Escritor do século XIX, Lima Barreto entrou em contato com a loucura logo cedo, pois, segundo Schwarcz (2017, p. 12).

Conheceu de perto a loucura que entraria para sempre em sua vida. Seu pai, por causa de umas contas do manicômio que insistiam em não fechar, adoeceu dos nervos. O rapaz foi obrigado então a largar a escola para converter-se em arrimo de família; virou amanuense. Para ele, essa profissão não passava de mero recurso de sobrevivência; “casava-se” mesmo, era com a literatura.

Um escritor voraz, esta é a marca de Lima, mesmo com todos os problemas de alcoolismo e processo de loucura, ou (des)razão, nunca abandonou a escrita, aliás, fez desta sua vida, e registrava tudo o que via, percebia e sentia (fatos, notícias publicadas etc.), transformava tudo em literatura. Com um discurso confessional, nosso autor descreveu suas internações no Hospício, pois fora internado no hospício Nacional no Rio de Janeiro em 1914 e 1919, mais de uma vez.

Lima era boêmio por definição e hábito, mas o que era de costume acabou virando condição e invadiu seu cotidiano. E mais: de tanto viver seus personagens, depois de utilizá-los por anos a fio como pseudônimo, por vezes Lima acabava agindo por eles. Nessas horas era a ficção que virava realidade [...] (SCHWARCZ, 2017, p. 12).

Sua literatura era combatente, retratava o cotidiano pobre carioca, a condição da mulher negra. O autor de triste fim de Policarpo Quaresma (1915) não poupou críticas à sociedade brasileira.



Segundo Lilia Schwarcz (2017) com o advento da República se inicia no país políticas médicas que visavam a estabelecer certa ordem nas cidades, entre elas, “constava um processo acelerado de medicalização da loucura e de exclusão dos afetados por ela”. (SCHWARCZ, 2017, p. 79).

Tais políticas de medicalização e exclusão dos loucos ocorreram também além de nossas fronteiras, na Europa, em particular, na França, tal como descrito por Foucault.

Michel Foucault, em seu livro, *História da loucura: na idade clássica* (2017) analisa a prática do internamento e argumenta que enquanto a loucura na Idade Média era algo até mesmo doméstico, no século XVIII, a loucura e com ela os pobres, mendigos, ou seja, os miseráveis são recolhidos no Hospício e até proibidos de entrarem nas cidades. Foi o que ocorreu na França, objeto de análise de Foucault, descreve como tais pessoas eram enclausuradas e se tornavam caso de polícia, a qual surge no âmbito da ordem médica a fim de “normalizar” e manter a ordem das cidades.

Neste momento, podemos fazer uma analogia com Lima Barreto na obra *Diário de Hospício* que questiona a interferência da polícia em sua vida. “Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida”. (BARRETO, 2017, p.34).

Em *Os Anormais*, Foucault (2018) analisa entre outros temas as estruturas do poder de normalização, descreve o processo de exclusão dos leprosos da Idade Média bem como o processo de poder que se insere “sobre os loucos, sobre os doentes, sobre os criminosos, sobre os desviantes, sobre as crianças, sobre os pobres”. (FOUCAULT, 2018, p. 37). Mesmo sob a tutela do Estado, na condição de paciente de um Hospício, Lima Barreto não deixou que as instâncias do poder médico e republicano se apossassem de seu corpo e de sua mente, se insurgindo por meio da literatura, fazendo-o reunir em tiras de papel fragmentos de sua subjetividade esfacelada.

Para voltarmos novamente a Foucault, a questão do poder exercido sobre as minorias vem à baila em *Vigiar e punir* (1996) e em *Microfísica do poder* (2017), em que o filósofo tenta mostrar que a dominação capitalista não conseguiria se manter se fosse exclusivamente baseada na repressão e que o poder tem, em alguns momentos, seus aspectos positivos. Na primeira obra, por exemplo, o filósofo argumenta.

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ‘reprime’, ‘recalca’, ‘censura’, ‘abstrai’, ‘mascara’, ‘esconde’. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. (FOUCAULT, 1996, p.172).

Contudo, no final da discussão, faz uma pergunta intrigante: “Mas emprestar tal poderio às astúcias muitas vezes minúsculas da disciplina, não seria lhes conceder muito? De onde podem elas tirar tão vastos efeitos?” (FOUCAULT, 1996, p.172). Ao que tudo indica, a suposta condição de



louco de Lima Barreto parece reverberar ainda ecos de uma técnica – a disciplina – utilizada nos séculos XVII e XVIII para “constituir efetivamente os indivíduos como elementos correlatos de um poder e de um saber”, de modo que, naquele contexto, e ainda no século XIX, “O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a ‘disciplina’.” (FOUCAULT, 1996, p. 172).

Se o poder é visto como positividade no âmbito da sociedade capitalista, por ter como finalidade sanear e manter o controle sobre os corpos dos homens, para aprimorá-lo e adestrá-lo, Lima Barreto, ou pelo menos seu exercício literário, “no Diário do Hospício representou a reação ao micropoder, ao controle e a padronização de gostos [...]” (HIDALGO, 2008, p.67).

Desde a Idade Média mecanismos, formas de exclusão do outro, seja doente, louco ou alcoólatra, foram criados como formas de rejeição destes. Talvez possamos inserir nosso escritor aqui, pois Lima Barreto foi amplamente criticado pela sociedade burguesa da época e igualmente excluído. Internado no dia 25 de dezembro de 1919 no casarão da praia Vermelha, Lima descreve.

Estou no Hospício ou melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de Observação, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia. Tiraram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria. Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia em minha vida. De mim para mim, tenho a certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio. (BARRETO, 2017, p. 34).

Neste testemunho, além da descrição do tratamento que o asilo dispensava aos seus enfermos, percebemos o quanto Lima Barreto era dotado de uma autoconsciência e lucidez, como descreve Alfredo Bosi (2017) a respeito de sua situação e internação. Notamos isto na descrição que ele faz do ambiente do hospício, da situação dos enfermos e da própria capacidade dos médicos. Lima, é claro, não deixa de criticar a intervenção da polícia no processo de loucura, como mencionado, pois ele mesmo fora levado pela polícia ao hospício. (BARRETO, 2017).

Em sua obra *História da Loucura*, Michel Foucault relata que desde o século XVII foram construídas várias casas de internação em Paris e, nestes confinamentos, pobres, loucos e miseráveis foram arbitrariamente confinados e apartados da sociedade. Como atesta o filósofo, “A prática do



internamento designa uma nova reação à miséria, um novo patético – de modo mais amplo, um outro relacionamento do homem com aquilo que pode haver de inumano em sua existência”. (FOUCAULT, 2017, p. 56). Eis o tipo de tratamento instaurado na modernidade, pois homens pobres e doentes que não se ajustavam à nova ordem do dia acabavam sendo excluídos para dentro dos muros dos hospícios. Uma vez internados, eram classificados/rotulados como “doentes mentais”:

Se a loucura no século XII está como *dessacralizada* é de início porque a miséria sofreu essa espécie de degradação que a faz ser encarada agora apenas no horizonte da moral. A loucura só terá hospitalidade doravante entre os muros do hospital, ao lado de todos os pobres. É lá que a encontraremos ainda no século XVIII. Com respeito a ela, nasceu uma nova sensibilidade: não mais religiosa, porém moral. Se o louco aparecia de modo familiar na paisagem humana da Idade Média, era como que vindo de um outro mundo. Agora, ele vai destacar-se sobre um fundo formado por problema de “polícia”, referente à ordem dos indivíduos na cidade. Outrora ele era acolhido porque vinha de outro lugar; agora, será excluído porque vem daqui mesmo, e porque seu lugar é entre os pobres, os miseráveis, os vagabundos. A hospitalidade que o acolhe se tornará, num novo equívoco, a medida de saneamento que o põe fora do caminho. De fato, ele continua a vagar, porém não mais no caminho de uma estranha peregrinação: ele perturba a ordem do espaço social. Despojada dos direitos da miséria e de sua glória, a loucura, com a pobreza e a ociosidade, doravante surge, de modo seco, na dialética imanente dos Estados. (FOUCAULT, 2017, p. 63).

Nesse sentido, o aprisionamento dos considerados “doentes mentais”, pobres, marginalizados torna-se caso de polícia que procura por meio do encarceramento instaurar o equilíbrio e a ordem nas cidades, e aquele que fugir do padrão da normalidade será hospitalizado nas casas de hospício.

No livro *O Cemitério dos Vivos*, obra inacabada e com características ficcionais, Lima inventa uma esposa, um filho e também mais uma vez relata sua entrada no hospício.

Entrei no Hospício no dia de Natal. Passei as famosas festas tradicionais festas de ano, entre as quatro paredes de manicômio. Estive no pavilhão pouco tempo, cerca de vinte e quatro horas. O Pavilhão de Observação é uma espécie de dependência do Hospício a que vão ter os doentes enviados pela polícia, isto é, os tidos e havidos por miseráveis e indigentes, antes de serem definitivamente internados. (BARRETO, 2017, p. 143).

Com uma autoconsciência profunda sobre a própria situação, Lima descreve todos os procedimentos adotados pelo Hospício ao “acolher” os miseráveis que para lá são enviados pela polícia antes da oficialização da internação, uma vez lá, nosso escritor passa a relatar todos os acontecimentos e personagens que ali vivem. Entre lapsos de razão e delírios, Lima descreve a instituição, a doença e os doentes que ali subsistem, e nas fímbrias de seus relatos emerge uma crítica ao sistema, à ciência e ao poder. Por um lado, a loucura “cientificamente” definida em um contexto em que imperam teorias e conjunturas que visam a higienização da cidade, o refinamento dos modos



e o alinhamento das ruas; por outro lado, é justamente essa loucura dos pretensos donos da razão que Lima denuncia e escancara por meio de sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escancarar a realidade sobre o tratamento dispensado aos internos, no hospício, Lima alarga o sentido da loucura ao colocá-la no interior de um debate muito mais amplo sobre a ineficiência do sistema político e da ciência de sua época. Ao fazê-lo, o escritor enumera as loucuras da “razão”. Roberto Vecchi observa que a escrita de Lima se constitui em uma “denúncia lúcida da conjunção perversa no Brasil-periferia entre o autoritarismo do saber médico e a orientação, de cima para baixo, do rumo histórico da formação da modernidade”. (VECCHI, 1998, p. 115).

Dentre as múltiplas funções que a escrita da loucura desempenha na obra de Lima, Vecchi aponta duas importantes. Na primeira, destaca-se um autor que “atua como ator da tragédia da doença mental, mas, ao mesmo tempo, como espectador ou crítico dessa própria tragédia que está se representando diante de seus olhos”. Na segunda, a escrita “pode ser assumida como código temático para atacar, dentro da prática narrativa, as hipocrisias inscritas na retórica do sistema”. (VECCHI, 1998, p. 118-119).

Assim, no sentido foucaultiano, podemos conceber a loucura em Lima como algo positivo, “pré-texto” que se faz “texto” da loucura para revelar as rachaduras e os pontos falsos nas entrelinhas da retórica que sustenta o sistema e a própria noção de loucura à sua época.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, L. **Diário do hospício/O cemitério dos vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BARROS, A. A. **O cemitério dos vivos: a experiência manicomial de Lima Barreto**. 2016. Dissertação. (Mestrado, em História) -Universidade Federal do Ceará, 2016.
- BOSI, A. Prefácio. In: BARRETO, L. **Diário do hospício/O cemitério dos vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 7-28.
- CRUZ, A. Ap. T. da. **Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma**. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz & Terra, 2017.
- PANTANO, Andreia Aparecida. Em tiras de papel: Lima Barreto entre a razão da loucura e a loucura da razão. In: *Revista Falas Breves*, n. 9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-PA. ISSN 23581069



FOUCAULT, M. **História da loucura:** na Idade clássica. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** História da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramalhete. 34.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito.** Curso ministrado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

HIDALGO, L. **Literatura da urgência:** Lima Barreto no domínio da loucura. São Paulo: Annablume, 2008.

RACHMAN, Sergio. **A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto.** 2010 Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto:** triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VECCHI, R. Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da História em Lima Barreto. In: HARDMAN, F. F. (Org.). **Morte e progresso:** cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998, p.111-124.